

Conceituando juventude(s) a partir de um diálogo com a síntese de indicadores sociais**Concepting youth(s) from a dialogue with the synthesis of social indicators**

DOI:10.34117/bjdv6n7-439

Recebimento dos originais: 03/06/2020

Aceitação para publicação: 17/07/2020

Roberta de Abreu Peixoto

Doutoranda pelo Curso de Ciências da Educação, Universidade do Porto – PT, Rua Coronel João de Oliveira 999 bloco 02 ap. 708, Messejana, Fortaleza – CE, Brasil
E-mail: rdeabreupeixoto@hotmail.com

Andrea Peixoto Garrido Aguiar

Mestranda pelo Curso de Planejamento e Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará, Rua Capitão Uruguai, 451, Aerolândia, Fortaleza-CE, Brasil
E-mail: andrea.peixoto@ymail.com

Fábia Geisa Amaral Silva

Especialista pelo Curso de Gestão Escolar, Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) - CE, Mestranda em Planejamento e Políticas Públicas, pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, Rua Domingos Sávio, 1260, Pedras, Eusébio, Fortaleza – CE, Brasil
E-mail: fabia.geisa2009@gmail.com

Maria de Fátima Bezerra

Mestre pelo Curso de Ciências da Educação, Universidade de São Carlos - PY, Avenida Ministro José Américo, 80, ap. 2033, Cambéba, Fortaleza –CE, Brasil
E-mail: fabezerra2002@yahoo.com.br

Karine Lima Verde Peixoto

Doutoranda pelo Curso de Políticas Públicas, Universidade Estadual do Ceará – UECE, Fortaleza-CE, Rua Major Gerardo Mendes, 389, Aerolândia, Fortaleza - CE, Brasil
E-mail: karinelimaverde@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo se propõe a compreender o conceito de juventude em sua pluralidade atual ao apresentá-lo em significações que o levam do singular ao plural, do específico ao geral, do etário ao classista-geracional, do número padrão à regra estatística. Para cumprir tal objetivo, busca dialogar com a Síntese de Indicadores Sociais do IBGE visando alinhar realidade brasileira, pré-conceitos e teóricos historicamente reconhecidos como pesquisadores do conceito. As juventudes e suas inserções na educação, no mundo do trabalho e no campo da cultura exigem a compreensão da impossibilidade em homogeneizar tal segmento justamente por apresentarem vivências e contextos distintos e desiguais. Concluímos que, para a construção desta definição, são necessários vários olhares e que embora importante, o viés geracional não é suficiente para explicá-lo.

Palavras-chave: Juventudes, Geração, Síntese de Indicadores Sociais.

ABSTRACT

This article proposes to understand the concept of youth in its current plurality by presenting it in meanings that take it from singular to plural, from specific to general, from age to class-generational, from the standard number to the statistical rule. In order to fulfill this objective, it seeks to dialogue with the IBGE Synthesis of Social Indicators in order to align Brazilian reality, preconceptions and theorists historically recognized as researchers of the concept. Youths and their insertions in education, in the world of work and in the field of culture demand an understanding of the impossibility of homogenizing this segment precisely because they present different and unequal contexts and experiences. We conclude that, for the construction of this definition, several views are necessary and that although important, the generational bias is not enough to explain it.

Keywords: Youth, Generation, Synthesis of Social Indicators.

1 INTRODUÇÃO

Compreender juventude, atualmente, envolve muitas reflexões e uma destas se refere ao conceito. O que significa? Que características um ser deve possuir para deter essa denominação? O critério seria etário, histórico, classista, geracional, cultural, biológico ou estético? Depreender o que é ser jovem exige tratá-lo como categoria social e o reconhecimento de que há muitos conceitos envolvidos para seu entendimento.

Faz-se necessário conceituar o termo juventudes e, para justificar os conceitos, apresentam-se sínteses dos indicadores sociais.

A adolescência é um período da vida em que o papel social de adulto é apreendido com base em modelos e experiências de identificação. O adolescente busca espelhar-se em adultos e estabelecer a própria identidade como um ser único e diferenciado.

O sentimento de continuidade da experiência diz respeito à apropriação do sujeito de sua própria história de vida, com suas falhas e potencialidades e depende também de sua inserção em uma história mais ampla que inclui sua herança cultural.

Diante disso, o termo Juventudes deve ser baseado em conceitos e justificado por ser a adolescência uma importante crise da vida, que confronta o sujeito ao risco de se perder por ter tanto que mudar, de perder o fio dessa continuidade de si mesmo, quando não o sentido da vida, que está em jogo de maneira essencial (CARDOSO; MARTY, 2008, p. 11).

Portanto, espera-se apresentar diante da presente pesquisa, referenciais para estudiosos do tema, um pouco de suporte teórico para debate e reflexão diante do tema sobre Juventudes.

2 METODOLOGIA

Compreendendo que a metodologia é o caminho escolhido para se chegar aos objetivos propostos pela pesquisa e evidencia escolhas do investigador para elucidar o objeto de estudo, optamos por uma abordagem qualitativa. Realizamos uma pesquisa bibliográfica e estatística.

Tratamos dados colhidos em sites institucionais como IBGE, especificamente no documento Síntese de Indicadores Sociais – SIS (2010) e, por fim, concentramos as leituras em autores como Mannheim (1982), Bourdieu (1983), Pais (1990), Kehl (2004), Debert (2010).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

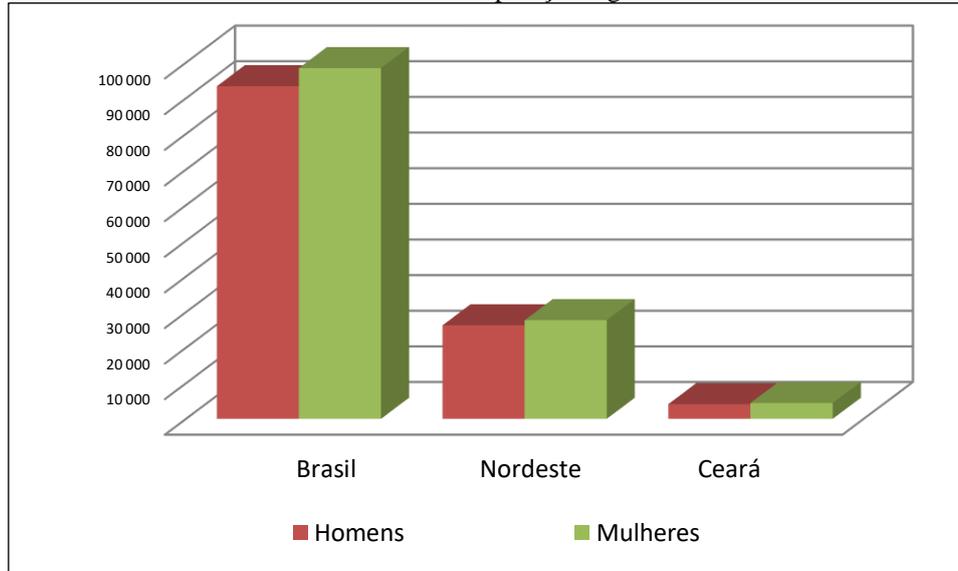
A promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8069/90) atribui a população compreendida entre 12 a 18 anos incompletos a denominação de adolescentes, restringindo este público a um perfil etário. A Organização das Nações Unidas (ONU) em 2004 amplia a idade deste seguimento ao estabelecer que jovem seja aquele entre 14 e 24 anos (UNESCO, 2004). O Brasil através da Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) em 2005 estabelece que este público estivesse compreendido entre 15 e 29 anos, subdividido em subgrupos, assim estabelecidos: 15 a 17 anos – jovem-adolescente; 18 a 24 anos – jovem-jovem; 24 a 29 anos – jovem adulto.

Observa-se neste caminhar a transcendência de um conceito baseado somente na idade, por outro que admite a existência de fatores que relacionam transformações psicológicas, biológicas, culturais e sociais, variantes das diferentes épocas, etnias, gênero, classe social, dentre outros aspectos decisivos. Não temos como delimitar um grupo geracional formado por jovens em que todos estejam incluídos. Em contrapartida, encontrarão coletivos diversos buscando a construção de suas identidades. Justificam-se as transformações conceituais pela maior dificuldade deste agrupamento em conquistar autonomia devido às aceleradas transformações no mundo do trabalho e o crescimento da expectativa de vida da população em geral.

De acordo com a Síntese de Indicadores Sociais - SIS (2010), a distribuição da população brasileira, conforme descrição apontada pelo Gráfico 1, revela a predominância de mulheres no cenário nacional em nível de país, região e estado.

Quando a distribuimos por faixa etária, encontramos nos intervalos 15 a 29 anos e 30 a 49 anos (ver Tabela 1) uma representação equivalente a mais de 50% da população brasileira, demonstrando que um 1/4 deste público é constituído de jovens, conforme definição da Secretaria Nacional de Juventude e Conselho Nacional de Juventude.

Gráfico 1 - População segundo sexo



Fonte: SIS (2010). Elaborado pelas autoras

Tabela 1 - População segundo faixa etária

REGIÕES E TERRITÓRIOS	TOTAL GERAL	Menos 1 a 6 anos	7 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 29 anos	30 a 49 anos	50 a 59 anos	60 a 69 anos	70 anos ou mais
Brasil	191 796	19168	9 821	17 421	49907	54 336	19 406	11990	9 746
Nordeste	54 020	6118	3 075	5 450	14859	14 318	4 555	3048	2 597
Ceará	8 569	942	483	899	2388	2 242	713	475	428

Fonte: SIS (2010). Elaborado e grifado pelas autoras

Paiva (2012, p. 353) ultrapassa a compreensão etária deste termo quando explicita que,

(...) a juventude não consiste um fenômeno meramente demográfico. Trata-se de uma complexa condição social, que influencia e é influenciada pelas diferentes culturas e possui uma condição dinâmica e mutável ao longo do tempo, de acordo com as transformações da sociedade. Não se pode, portanto, falar de uma juventude universal, visto que não consiste de um fenômeno que está posto em qualquer lugar e tempo, sem implicações sociais.

Em Kehl (2004), historicamente ganha deferência apenas nos anos 2000, pois no início do século XX era exigido de homens e mulheres de 25 anos que aparentassem 50 anos, e isso se evidenciava através de comportamentos que denotassem seriedade, responsabilidade, além de roupas e acessórios sóbrios como requisito para adentrar na vida produtiva e reprodutiva.

Devido às relações de consumo associadas na atualidade ao termo juventude, os adultos desejam fazer parte deste segmento, pois o associam a um estado de espírito, a forma do corpo se portar, um sinal de saúde e disposição, assim,

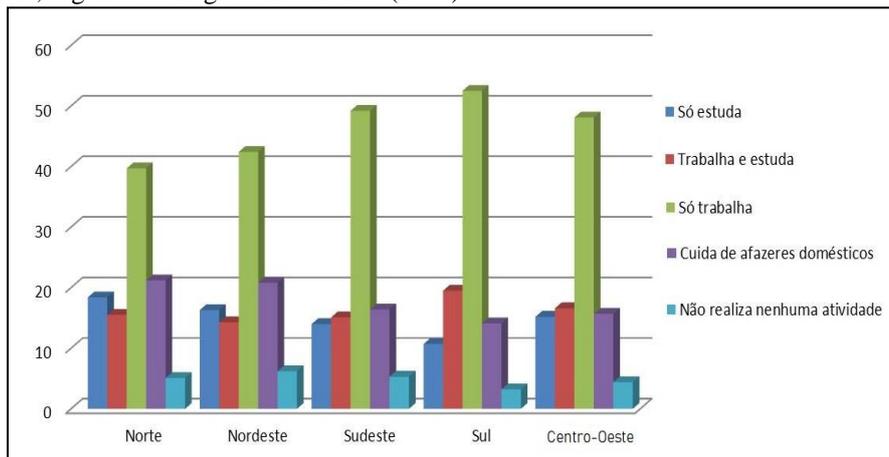
Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico - condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a “juventude” se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres, e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial, de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade (KEHL, 2004, p. 46).

O Brasil é profundamente classista, desigual e excludente, assim descrevem muitos cientistas políticos e acrescentam que as deficiências sociais e econômicas marcantes de nossa história, em geral, são frutos da formação da sociedade brasileira. O estudo não pretende aprofundar a questão, porém compreende que o colonialismo inicia e agiganta o processo de estratificação social:

Para os que chegavam, o mundo em que entravam era a arena dos seus ganhos, em ouro e glórias. Para os índios que ali estavam, nus na praia, o mundo era um luxo de se viver. Este foi o efeito do encontro fatal que ali se dera. Ao longo das praias brasileiras de 1500, se defrontaram, pasmos de se verem uns aos outros tal qual eram, a selvageria e a civilização. Suas concepções, não só diferentes, mas opostas, do mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram cruamente. Os navegantes, barbudos, hirsutos, fedentos, escalavrados de feridas do escorbuto, olhavam o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, esplêndidos de vigor e de beleza, viam, ainda mais pasmos, aqueles seres que saíam do mar (RIBEIRO, 1995, p. 44).

Percebe-se com isso que, alguns movimentos que surgiram no decorrer dos anos 90, no Brasil, contribuíram para que novos conceitos sobre Juventudes, pudessem surgir no campo da ciência e pesquisa em que sociólogos e estudiosos, identificaram que os movimentos eram reivindicações por trabalhos, onde os índices eram elevados diante do alto desemprego e ainda uma precarização das relações de trabalho. Como consequência, surge uma alta desigualdade social na população jovem que aumenta, com a falta de trabalho, os problemas sociais, dentre os principais, a fome, a criminalidade, a violência e a pobreza (ALENCAR, 2008; ANDERSON, 1995).

Gráfico 2 - Jovens de 18 a 24 anos de idade, total e respectiva distribuição percentual, por condição de atividade na semana de referência, segundo as Regiões Brasileiras (2009)



Fonte: SIS (2010). Elaborado pelas autoras

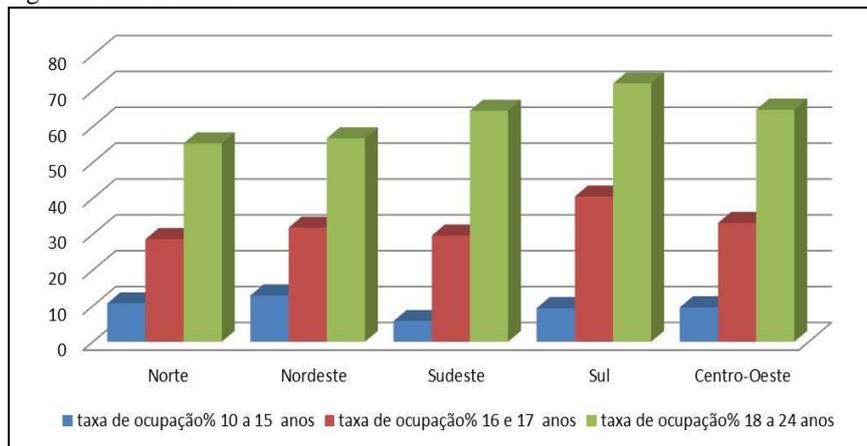
Transcorridos cinco séculos, selvageria e civilização se traduzem numa relação desigual e hierarquizada de consumo entre todos os habitantes do país. Compreender juventude na atualidade, portanto, exige o entendimento que há distinção na oferta de produtos, espaços, programas, projetos, proteção e até legislações, todas enquadradas num rótulo que os aproxima, mas que na verdade os categoriza (ver Gráficos 2 e 3).

O Gráfico 3 aponta para a existência de um cenário nacional estratificado quando coloca em destaque 45% em média do seguimento somente trabalhando, diferindo proporcionalmente dos 20% aproximadamente que conciliam estudo e trabalho.

O Gráfico 3 salienta que juventude e trabalho formal e/ou informal estavam indissociáveis no período da pesquisa, ficando menos ocupadas¹ as crianças/jovens entre 10 e 15, porém entre 16 e 24 anos, independente da região, o percentual de jovens ocupados era acentuado, chegando a 80% na Região Norte e mais de 100% na Região Sul, quando somados os grupos etários 16 e 17, 18 a 24 anos.

¹ O IBGE define POPULAÇÃO OCUPADA como aquelas que num determinado período de referência trabalha. São classificadas em: Empregados (trabalham para um empregador ou mais, cumprindo uma jornada de trabalho, recebendo em contrapartida uma remuneração em Dinheiro ou outra forma de pagamento como moradia, alimentação, vestuário, etc); Conta Própria (exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, sem empregados); Empregadores (exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados); Não Remunerados (exercem uma ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas na semana, em ajuda a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficentes ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário). (IBGE. Disponível em <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pmemet2.shtm>. Acesso em 24 abril 2018.

Gráfico 3 - Crianças, adolescentes e jovens de 10 a 24 anos de idade ocupados, total e taxa de ocupação, por grupos de idade, segundo as Regiões Brasileiras - 2009



Fonte: SIS (2010). Elaborado pelas autoras

Sem esgotar as compreensões sobre o termo, fica explícito em Pais (1990, p. 140) que:

(...) juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma «unidade social», um grupo dotado de «interesses comuns» e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação. Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária».

A busca pela noção do que seja juventude é produto de uma necessidade dos últimos anos quando são registrados “problemas” advindos deste grupo especificamente. A homogeneização do segmento busca a construção de designações por meio de correntes sociológicas, como a geracional² e a classista³.

O fator etário é o unificador na corrente geracional, pois os indivíduos ligados por idades similares compartilham sentimentos, interesses e visão de mundo. A investigação aqui busca desvendar como se dá a internalização e as rupturas dos valores comuns a juventude no tempo.

Mannheim (1982) afirmava que jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos, faziam parte da mesma geração. A análise de Mannheim (1982) sobre gerações, foi um divisor de águas para a história sociológica do conceito. Quando desenvolveu sua teoria das gerações buscou atingir dois objetivos: distanciar-se do positivismo e da perspectiva romântico-histórica, e incluir as gerações em sua pesquisa sobre as bases sociais e existenciais do conhecimento em relação ao processo histórico-social. Buscou comprovar que não é data de nascimento comum que forma uma geração.

² A reprodução se restringe a análise das relações intergeracionais, isto é, à análise da conservação ou sedimentação (ou não) das formas e conteúdos das reações sociais entre gerações.

³ A reprodução social é fundamentalmente vista em termos da reprodução das classes sociais.

O marco geracional é algo apenas potencial (MANNHEIM, 1982), mas é a parte do processo histórico que jovens da mesma idade-classe de fato compartilham (a geração atual).

Em oposição, a corrente classista enquanto teoria crítica desmistifica a ideia sobre a existência de uma cultura jovem uniforme e extraclasse. Birmingham torna-se seu principal representante tomando os estudos culturais como campo de análise. São estas pesquisas que reinterpretem o sentido das subculturas juvenis gestadas dentro da classe trabalhadora britânica, a partir de 1950.

Para Bourdieu (1983), teríamos duas juventudes, ambas, reflexos de sua classe de origem, portanto: uma burguesa e outra proletária. As diferenças culturais seriam a expressão da resistência e contestação ao poder hegemônico.

Ambas falharam em suas explicações, mas, com efeito, a juventude não cabe num único conceito. Muitas significações, variadas crenças, normas, valores, símbolos e práticas compartilhadas por jovens e assimiladas como culturas juvenis podem tanto apresentar elementos próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de juventude, como também podem ser assimilados ou derivados de gerações precedentes ou ainda resultado de trajetórias próprias da classe de origem.

A dissolução da vida adulta na sociedade contemporânea está associada na atualidade a três processos que se inter-relacionam:

- 1) o alargamento da faixa etária do segmento considerado jovem da população; 2) o desdobramento das etapas mais avançadas do ciclo da vida em novas categorias etárias; 3) a transformação da juventude em um valor, que pode ser conquistado em qualquer etapa da vida através da adoção de formas de consumo e estilos de vida adequados (DEBERT, 2010, p. 49).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de juventude agrega outras especificações ao longo do tempo, levando-o a reconstruções, porém depreende-se que o seguimento empreendeu tantas lutas, conquistou tantas caras e se permitiu manipular por tantos fatos, grupos e pessoas: como então erigir um conceito que dê conta de tantos vieses?

A construção social e conceitual do termo são designações que lhe são atribuídas, são representações e não as realidades objetivas, por certo, muitos jovens não se vejam representados através destas tantas concepções descritas aqui, daí a pluralização do termo juventudes.

O profissional de educação necessita compreender os processos que (e)levaram o conceito de juventude(s) para patamares tão profundos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. M. T. Transformações econômicas e sociais no Brasil dos anos 1990 e seu impacto no âmbito da família. In: SALES, M. A.; MATOS; LEAL, M. C. (Orgs.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos** (p. 61-78). São Paulo: Cortez, 2008.
- ANDERSON, P. **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1995.
- BOURDIEU, P. **A juventude é apenas uma palavra**. Questões de sociologia. 1983.
- CARDOSO, M. R.; MARTY, F. **Destinos da adolescência**. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2008.
- DEBERT, Guita Grin. Dissolução da Vida Adulta e a Juventude como Valor. In: **Revista Horizontes Antropológicos [on line]**, vol. 16, n. 34, jul. – dez. 2010, p. 49-70.
- IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira (SIS)**. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. 2010. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca>. Acesso em 02 fev. 2018.
- KELL, Maria da Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina Reys; VANNUCHI. **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). **Karl Mannheim: Sociologia**. São Paulo, Ática, pp. 67-95. 1982. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/04.pdf>. Acesso em: 24 abril 2018.
- NASCIMENTO, Méryly Luane Vargas do; CANIATO, Ângela Maria Pires. **Adolescência e juventude na contemporaneidade: reflexões a partir de uma abordagem psicopolítica**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 5, nº. 11, p. 22664-22684, 2019.
- PAIS, José Machado. A Construção Sociológica da Juventude – alguns contributos. In. **Análise Social**. Vol. 25 (105-106), 1990, p. 139-165.
- PAIVA, Ilana Lemos de; SOUZA, Cândida de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**. Rio Grande do Norte, v. 17, n. 3, p.353-360, set/dez. 2012.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.